

Disputa por holofotes agita parlamentares

Como nos programas da TV, congressistas brigam pelos melhores papéis nas investigações

BRASÍLIA — Nos bastidores da CPI do Orçamento disputa-se, como em produções de TV, os melhores papéis, o melhor ângulo e o melhor desempenho. A ponto de sonolentos parlamentares resistirem a interrogatórios de até 12 horas, sem sair do lugar nem sequer para uma refeição, contentando-se com rápidos sanduíches, como faz o senador Lavoisier Maia (PDT-PB).

Há cenas de ciúmes. O vice-presidente da Comissão, deputado Odacyr Klein (PMDB-RS), foi pressionado logo nos primeiros dias de funcionamento da CPI porque o deputado José Dirceu (PT-SP) tomou a dianteira para dar entrevista sobre os integrantes do PMDB envolvidos no escândalo. "Este José Dirceu não pode ver um holofote", queixou-se Klein. "E o pior é que ele nem é da CPI". Dirceu não é titular

nem suplente. Intitula-se, como José Genoíno (PT-SP), "não-membro militante", apelido que o presidente da CPI, Jarbas Passarinho (PPR-PA), já incorporou a seu vocabulário.

Entre os que nunca passaram por CPIs importantes, há dois aspirantes ao estrelato que já conseguiram chamar a atenção por seus métodos ousados quando fazem as perguntas. O senador Gilberto Miranda (PMDB-AM) inicia o interrogatório com uma insinuação. E não dá folga ao interrogado.

Quando este pensa que vai respirar, Miranda ataca novamente. O senador Luiz Alberto (PTB-PR) nem é titular do mandato. É suplente do ministro da Indústria e do Comércio Andrade Vieira. Apareceu na CPI com um novo penteado, à custa de implante de cabelos, e se mostrou afoito na briga pelos primeiros lugares frente às luzes de TV. Foi ele quem primeiro saiu de uma sessão reservada para comunicar os nomes dos quatro primeiros parlamentares que iriam depor na CPI. Na correria, acabou errando um dos nomes.

(J.D. e P.N.)

HÁ QUEM
RESISTA A 12
HORAS NO
MESMO LUGAR